

Independência e luta pelas reivindicações e pelo socialismo



O Boletim Foice & Martelo publica a seguir a segunda parte da contribuição da Corrente Sindical Esquerda Marxista inscrita na preparação da Plenária Estatutária Nacional da CUT, que ocorrerá em Guarulhos, São Paulo, de 28 de julho a 1º de agosto de 2014. A primeira, foi publicada na edição 39.

Parte 2

A cada indicador levemente positivo a burguesia tenta enxergar uma luz no fim do túnel da crise. Porém, a verdade é que essa é uma crise profunda e de longa duração. Os EUA seguem com um baixo e lento crescimento. A Europa ficou seis trimestres consecutivos em recessão e teve uma leve alta de 0,3% no segundo trimestre de 2013. A China segue desacelerando, seu crescimento do Produto Interno Bruto (PIB), que foi de 11,9% em 2007, fechou 2012 em 7,8% e em 7,5% no segundo trimestre de 2013. É impossível para a China manter um alto crescimento com seus principais consumidores afogados na crise (EUA, Europa, Japão). Isso também afeta os países que exportam para a China e o Bra-

sil está entre eles. A economia, o sistema, é global e a crise também.

Os governos de diversos países salvaram com dinheiro público empresas e bancos "grandes demais para quebrar" na crise que explodiu em 2008. Com isso, elevaram enormemente as dívidas públicas. Na Grécia, a dívida supera 160% do PIB do país; na Itália, ultrapassa 130% do PIB. A conta está sendo paga com as medidas de austeridade. Cortes nos direitos e nas conquistas dos trabalhadores, privatizações, aumentos dos impostos, demissão de funcionários públicos e precarização dos serviços públicos.

Em outros termos, a saída utilizada pelo capital no início do século 21, de aumento desenfreado do crédito (pessoal e para empresas), que objetivava manter e aumentar o nível de consumo, chegou a um limite. Isso levou a uma crise de superprodução generalizada, que só pode ser superada com a destruição de setores inteiros da economia ou com a revolução socialista. Esta destruição conduzida pelos capitalistas se concentra nas medidas de ataques aos direitos do proletariado e das massas em geral, na veloz concentração de capital e nas diversas guerras localizadas.

O desemprego na Europa chega a níveis alarmantes. Na Espanha, a taxa de desemprego em maio atingiu 26,9%; na Grécia, 27,6%; em Portugal, 17,6% e na Itália, 12,2%. Os jovens são os mais afetados. Na Grécia, em maio, 64,9% dos jovens estavam desempregados.

Desemprego e diminuição de

gastos públicos provocam queda na demanda, o que, por sua vez, provoca o aprofundamento da crise. Não há saída em curto prazo sob o capitalismo. O que podemos esperar são anos de austeridade, de destruição das forças produtivas, de ataques à classe trabalhadora.

O dado de que tecnicamente a União Europeia saiu da recessão com o crescimento de 0,3% do PIB no segundo trimestre precisa ser olhado mais a fundo. Em comparação com o mesmo período de 2012 não houve crescimento, mas queda de 0,2%. Além disso, o "crescimento" foi puxado pelas principais economias (Alemanha, França e Reino Unido). Enquanto isso, Itália, Espanha e Holanda, quarta, quinta e sexta maiores potências, continuam em recessão, com índices de -0,1% e -0,2% do PIB. Este é um crescimento muito frágil depois de uma longa e profunda queda.

Só a luta consequente e organizada dos trabalhadores em seu próprio terreno é que poderá abrir uma perspectiva positiva para a humanidade e retirá-la das miseráveis condições impostas pela agonia do capitalismo. (continua na edição 41).



Quem somos

A Esquerda Marxista (EM) é uma organização de luta pelo socialismo. Como seção brasileira da Corrente Marxista Internacional (CMI), lutamos em todo o mundo para ajudar os trabalhadores e jovens a se organizarem na luta por sua emancipação.

Lutamos contra a colaboração de classes e contra a defesa do capitalismo e sua maquiagem feita pelos reformistas. Nada temos a ver com

as organizações e agrupamentos ultraesquerdistas que, incapazes de se relacionarem com a classe trabalhadora, dedicam-se ao divisionismo e ao denunciamento inócuo e impotente. Nós lutamos nas organizações de massa para construir uma corrente revolucionária de massas. Nesse sentido atuamos na luta de classes e nas entidades historicamente construídas pelos trabalhadores e pela juventude.

A EM dirigiu as ocupações de fábricas lutando por sua estatização sob controle dos trabalhadores, luta por educação pública e gratuita para todos, pela reestatização de tudo o que foi privatizado, contra a criminalização dos movimentos e organizações dos trabalhadores, em defesa das conquistas e reivindicações da classe trabalhadora e da juventude, contra o capitalismo.

Foice & Martelo

Boletim semanal da Esquerda Marxista - seção brasileira da Corrente Marxista Internacional. Número 40 - 1º de Abril de 2014 - Preço R\$ 1,00



Pesquisas eleitorais, rebaixamentos e a produção real

O governo comemora: febreiro teve a menor taxa de desemprego dos últimos anos. O governo chora: Dilma cai nas pesquisas, a inflação sobe e o Brasil cai na classificação de uma das agências de risco, a Standard & Poors. As empresas brasileiras se desvalorizam e, com a queda da presidente nas pesquisas, voltam a subir. Afinal, o que está acontecendo?

Há problemas econômicos reais que vão muito além do que ocorre com a Petrobras (ver

Página 3). A questão central é que a economia mundial está em desaceleração novamente. A China, por exemplo, não cresce como antes e o Banco Central dos EUA (Federal Reserve) anuncia que sua política de incentivo à economia está diminuindo. Relembrando: a crise de 2008 teve origem central no fato de o capital produzir muito mais do que pode consumir, em termos capitalistas. Existem mais carros, casas, celulares e eletrodomésticos que podem ser

comprados (atenção, lembrar sempre que esta é a palavra chave. Parcelas inteiras da humanidade continuam sem condições mínimas de vida, mas elas não podem comprar o que precisam!).

O Brasil e outros países atrasados (Rússia, Índia, China, países do continente africano, da América Latina etc) aumentam o crédito disponível e conseguem ser o desaguadouro do capital que foge dos EUA, Europa e Japão em busca de lucro.

Mas o mercado desses países é pequeno em comparação com o de países imperialistas. A resposta da burguesia frente à crise é retirar direitos, desempregar, exigir mais produção em troca de menores salários. Por isso, apesar da crise, a China, onde os operários têm poucos direitos, continua a crescer, com a produção que pode ir sendo transferida para lá. Porém, tudo tem um limite. O mercado continua sem crescer o suficiente para absorver toda a produção. E o crescimento da China, que se fazia há mais de 10% ao ano, cai para 7% ao ano. O resultado são tremores entre os capitalistas. Empresas chinesas começam a quebrar e há rumores de que os bancos chineses emprestaram dinheiro e agora não conseguem receber.

Depois da crise, o governo dos EUA começou a emitir dólares e aumentar violentamente sua dívida para impedir que os bancos e as empresas "grandes demais para quebrar" quebrem. O problema é que chega uma hora em que os créditos precisam ser "honrados". A hora da verdade começa a soar e o Banco Central dos EUA está parando de emitir dólares e os "investimentos" estão voltando para os EUA depois de terem "ganho" com as moedas de outros países. Com esse processo, o dólar se fortalece e as outras moedas, inclusive o euro, diminuem de valor. Assim, o capital é sugado de volta ao seu leito "natural".

Este movimento afeta a situação no Brasil e leva à queda do "superávit". O governo brasileiro vê o capital fugir do país, sem que a produção tenha aumentado, após ter concedido incentivos a todo tipo de empresa, com a desoneração da folha de pagamento, negociação de redução de impostos com empresas multinacionais e outros incentivos fiscais. Aliás, como todas as moedas também caíram em relação à moeda americana, o preço relativo das mercadorias brasileiras conti-

nua igual para outros países, exceto para os EUA, que não voltaram a consumir como antes, já que os incentivos estão sendo retirados.

E a política de concessão de crédito no Brasil está chegando ao seu limite. O capital começa a sair, embora o movimento tenha cessado um momento com a crise da Ucrânia e a saída mais rápida de capitais da Rússia. Sai o capital, o mercado não cresce, a produção industrial não cresce, apesar de todos os incentivos fiscais. E, isso sim, faz com que uma parcela de capitalistas questione o modelo "atual" – o acordo de que o PT, um partido surgido da classe operária, dirija o país junto com a burguesia para manter a classe operária, os trabalhadores, "calmos". E a situação piora quando os EUA, o principal mercado do mundo, continua afundado na crise.

Há poucas saídas para esta situação. The Economist, uma das revistas que representa o pensamento burguês mais conservador, tem a receita: arrochar o proletariado, continuar com a "reforma fiscal" desonerando as empresas e destruindo direitos sociais. Só assim seria possível manter o "superávit" e a "classificação" nas agências de risco. O problema é o custo político disto, basta lembrar-se das manifestações do ano passado e da reivindicação por melhores serviços públicos.

Quem consegue fazer isso? A burguesia já não confia em Dilma

(leia-se no PT) como confiava antes. Os mercados reagem "positivamente" quando a "popularidade" dela cai nas pesquisas e negativamente quando isso não ocorre. Uma parcela do Partido dos Trabalhadores e uma parte da burguesia gostariam de ter Lula de volta com sua autoridade política sobre a classe operária.

Só há uma saída que interessa à nossa classe, mas os dirigentes petistas fogem dela mais do que o diabo da cruz: romper a aliança com a burguesia e dar passos em direção ao socialismo, criando as condições para uma nova economia, uma nova sociedade. Se não for isso, o PT prosseguirá com a submissão aos interesses capitalistas, o que inclui o aumento da repressão aos movimentos sociais, do aparato para tal e continuar utilizando-se da Garantia da Lei e da Ordem (GLO) e de outras leis para justificar a repressão e a criminalização.

As greves que começam a aumentar tendem a forçar o rompimento da classe trabalhadora com essa política e isso é o que a burguesia mais teme: o choque das massas com o Estado burguês.

Os marxistas estão ao lado dos trabalhadores e da juventude na sua luta. Estamos em campanha por Público, Gratuito e Para Todos: Transporte, Saúde, Educação! Abaixo a repressão! Além de uma escala móvel de salários que acompanhe a inflação. Essa é a nossa luta. Junte-se a nós!



Expediente: Boletim Foice & Martelo - Órgão da Esquerda Marxista, seção brasileira da Corrente Marxista Internacional (www.marxist.com).
 Diretor responsável: Serge Goulart. Editor responsável: Wanderzi Bueno. Jornalista responsável: Rafael Prata: MTB n° 40040/SP.
 Sede Nacional: Rua Tabatinguera, 318 - Sé - Centro - São Paulo - SP - CEP: 01020-000
 e-mail: contato@marxismo.org.br - Telefone: (11) 3101 8810.

O caso Petrobras – do fim do monopólio à crise atual

O que define o Brasil como um país atrasado é o fato de ele ter chegado tarde ao mercado mundial, que já estava dividido entre as diferentes potências, e depender do capital internacional para ter acesso a esse mercado. Onde nota-se mais isso? Nas tentativas canhestras de tentar colocar a Petrobras (e outras empresas de países atrasados produtores de petróleo) como players (jogadores) do grande jogo do comércio internacional de petróleo. O problema é que esse é um mercado complexo, que vai da extração à comercialização dos produtos refinados, passando pelo refino. Todas estas etapas exigem uma tecnologia cada vez mais sofisticada.

A tecnologia que extrai petróleo do pré-sal é muito diferente da que o retira em terra, e infinitamente mais complexa do que a de águas rasas. O Brasil domina isso? Sim e não. As grandes plataformas não são, em sua maioria, fabricadas no

país. Quando o são, dependem de tecnologias do exterior. Isso vale para tubos, bombas, bicos e muito mais. Prazos de entrega e preços são controlados por outras empresas e no refino, a situação é pior ainda.

As grandes refinarias do Brasil foram construídas todas antes da década de 90, elas têm 30 anos ou mais, e as novas não conseguem sair do papel. A compra de refinarias fora do país, a partir da "internacionalização" da Petrobras, levou a impasses tremendos – para operá-las, exige-se uma tecnologia que obrigou a empresa a ter sócios estrangeiros.

Esses sócios "enganaram" os brasileiros? Essa é uma situação típica do mercado, quem detém a tecnologia, o capital, em última análise chantageia e extorpe as pequenas empresas (sim, frente ao mundo, a Petrobras é pequena, por mais que seu valor de mercado tenha sido grande).

Ao inferno todos os burgueses

O aparato repressivo do Estado vem se modernizando, a cortina de fumaça para tanto é a Copa, o narcotráfico e a vigilância das fronteiras. Evidentemente que o objetivo estratégico de tudo é a repressão aos movimentos sociais, manifestações e greves. Para ajudar nas operações, chegará em maio o drone Hermes, fabricado em Israel a um custo de US\$ 8 milhões, com 10 super câmaras que a tudo vigiará.

Em um documento denominado Planejamento Estratégico de Segurança para a Copa do Mundo, FIFA, Brasil, 2014, assinado pela presidente Dilma (PT), pelo Ministro dos Esportes, Aldo Rebelo (PCdoB), e pelo Ministro da Justiça, José Eduardo Cardozo (PT), lê-se: "Em eventos dessa magnitude, a área de Segurança Pública deve ser vista por um prisma abrangente, que também englobe ações voltadas aos serviços de urgência, (...) responder a qualquer ameaça à segurança (...) e dar respostas aos

distúrbios civis e quaisquer outros acontecimentos que coloquem em risco a segurança da sociedade ou do Estado". No passado já vimos um filme parecido, em nome da segurança do Estado, foi instalada no Brasil a mais odiosa ditadura.

No referido documento encontramos claramente onde a segurança atuará. Definida como Nível III de prioridade estão: "aqueles que possam provocar a interrupção momentânea do evento, não comprometam as sua continuação (aspectos relativos à segurança setorizada, atuação de movimentos sociais, étnicos, religiosos, políticos, econômicos e organizações criminosas) e no Nível IV: ações terroristas graves e desastres de massa). Ou seja, atuarão em tudo que quiserem. Está estabelecida a lei de exceção, a Lei de Segurança Nacional envergonhada por sua candura continuará dando sua mãozinha.

O presidente da Confederação

Assim, os diretores da Petrobras começaram a usar os mesmos métodos do setor privado – negócios pouco transparentes, negociatas, ganhos laterais, propinas acelerar transações, exportação fictícia de plataformas para uma subsidiária no exterior para que tudo ficasse como "custos" e fosse dedutível dos impostos etc.

A CPI vai levar a alguma coisa? Ninguém sabe o tamanho da crise e pode ser que todas essas negociatas venham a público. Mudará algo? Se o caráter da empresa não for alterado, para pública, com capital 100% da União, dificilmente. No máximo, ela será ainda mais privatizada, adotando critérios mais "transparentes" para o mercado e muito menos para a maioria da população.

Os marxistas combatem pela volta do monopólio estatal do petróleo e pela expropriação de todos os "acionistas" da Petrobras, tornando o seu capital 100% estatal.

Brasileira de Futebol, José Maria Marin, disse que se o Brasil perder a Copa eles irão para o inferno. Que sigam juntos todos os poderosos! A luta da classe trabalhadora e dos jovens, organizando-se de modo independente, os empurrará para onde Marin vaticina, ganhando ou perdendo a Copa.



Inferno. Pintura da Divina Comédia de Dante